

# Saída de Lopes, uma surpresa preparada no fim de semana

Economista atribui sua demissão a divergências com o FMI

Ali Kamel

• O ex-presidente do Banco Central, Francisco Lopes, começou domingo, no início da noite, a se dar conta de que estava prestes a ser demitido. Foi procurado pelo ministro Pedro Malan, que apenas lhe comunicou, por telefone:

— Estou indo hoje ao presidente entregar as nossas duas cartas de demissão.

Chico Lopes, como é conhecido, surpreendeu-se: sequer fora consultado sobre se concordaria em entregar o cargo ou não. Perplexo, perguntou ao ministro sobre o porquê do gesto. Malan lhe disse:

— Entendo que precisamos deixar o presidente livre. O Brasil enfrenta hoje um grave problema de credibilidade e a nossa saída pode contribuir para que o problema seja resolvido.

Chico ainda tentou argumentar que, neste caso, melhor seria apenas ele apresentar a sua carta de demissão, mas Malan insistiu:

— O presidente tomará a decisão que achar que deve.

No telefonema, Malan não só sugeriu a demissão de ambos como já tinha a indicação para o lugar de Lopes. Armínio Fraga, outro aluno de Chico, assim como Gustavo Franco.

— Malan disse que estava pensando nele como um assessor próximo, mas que ele poderia segurar a presidência também se fosse o caso. E repetia a história da credibilidade de Fernando Henrique — lembrou ontem Chico a amigos.

## Decisão já havia sido tomada na segunda-feira à tarde

Chico estava no Rio no fim de semana porque, segundo disse a amigos, optou por não participar das primeiras reuniões com o FMI, por considerar que isso devia caber ao segundo escalão — ele participaria apenas das reuniões com Stanley Fisher, vice-diretor-gerente do Fundo. Na segunda-feira, à tarde, já em Brasília, foi chamado pelo presidente ao Planalto. Até aquele momento, acreditava que Malan pudesse estar querendo com o seu gesto apenas reforçar a posição de ambos junto ao presidente. Ao chegar ao Planalto, percebeu que seu destino já estava decidido. Fernando Henrique abriu a conversa relatando o encontro que tivera na véspera com Malan.

— Malan veio aqui e conversamos muito. Concordamos que a credibilidade do Banco Central está de fato muito abalada, há problemas com o FMI e a situação está bastante difícil.

Chico concordou com a avaliação do presidente e ouviu dele que a permanência de Malan era ponto pacífico, que ele não poderia abrir mão da colaboração de seu ministro da Fazenda em nenhuma hipótese. Chico Lopes mais uma vez concordou e ouviu a pergunta do presidente:

— Isso quer dizer então que se eu precisar fazer uma substituição, o senhor aceitaria ficar no cargo por mais algum tempo?

Chico respondeu afirmativamente e deixou o Palácio estranhamente ainda com uma ponta de esperança de que sua permanência no cargo, embora difícil, ainda era possível. Jantou com amigos e, por volta das dez e meia, foi chamado para uma nova reunião no Palácio da Alvorada, com o presidente, Malan e Clóvis Carvalho, chefe da Casa Civil. Foi quando as esperanças acabaram de vez. O presidente, depois dos agradecimentos e homenagens de praxe, foi direto ao assunto:

— Preciso fazer a substituição.

Chico Lopes respondeu com calma:

— Então eu saio.

Informado de que seu substituto seria Armínio Fraga, Chico Lopes deixou o Palácio convicto de que sua saída já estava decidida desde a semana anterior.

Já na manhã de ontem Chico Lopes começou a rebater, reservadamente, a versão, dada como certa, sobre a razão de sua queda: teria caído por ser um acadêmico sem experiência em instituições financeiras, num momento em que o Governo precisava de um operador de mercado experiente e de pulso firme. Chico Lopes, aborrecido, rejeita essa versão em conversas com amigos. A eles, diz que foi a sua posição crítica em relação ao FMI o fator determinante do desgaste.

Ontem, ele não escondia que os atritos foram muitos, e começaram já em sua ida a Washington, no fim de semana seguinte à flutuação do dólar. Ele não discordava da receita, mas da postura de extrema ingerência adotada pelo Fundo. Aos amigos, citou a questão dos juros. Era a favor do aumento das taxas, mas o Fundo queria que o aumento fosse decidido já no domingo. Segundo relato de Chico, informado de que a elevação dos juros dependia de uma reunião do Copom, o Fundo quis que fosse promovida ainda no domingo uma reunião telefônica para adoção das novas taxas. Chico não concordou e voltou ao Brasil. Malan teve então de divulgar a nota na qual sugere ao Banco Central que reúna o Copom, a fim de decretar um movimento "ascendente" nas taxas de juros.

Outro ponto de discórdia foi quanto às regras de intervenção do BC no mercado de dólar, para conter movimentos especulativos. Chico Lopes queria que não houvesse regras claras e que o BC agisse como agem os bancos centrais da Alemanha, Estados Unidos e Japão: atuar sempre que necessário segundo parâmetros e necessidades que somente a autoridade monetária conhece.

O FMI discordava e defendia a adoção de uma política de intervenção secreta, segundo a qual o BC só poderia entrar vendendo dólares até o limite máximo de

US\$ 500 milhões em cinco dias. Chico Lopes considerava a quantia irrisória em relação ao tamanho do mercado brasileiro e acreditava que a sua adoção, mesmo em caráter sigiloso, seria um risco: em pouco tempo, o mercado descobriria a fórmula e começaria novamente a especular contra as reservas. Para rebater os críticos de que é um mau operador do mercado, Chico Lopes tem dito que, na semana passada, tentou por diversas vezes entrar no mercado mas fora impedido por Malan, após consultas a Stanley Fischer, absolutamente contrário à intervenção do BC no mercado de câmbio. Não agiu, tem dito, não porque não soubesse operar, mas porque foi impedido.

Do mesmo modo, ontem Chico rebatia, reservadamente, as críticas de que fora pouco firme na sexta-feira passada, quando o dólar bateu em R\$ 2,10, num dia de forte movimento especulativo. Disse que desde cedo acionou o Departamento de Câmbio (Decam) do BC, para que investigasse a fundo as instituições financeiras que estavam especulando para empurrar a taxa do dólar para as alturas no último dia do mês, quando se definiria a taxa que iria remunerar os papéis com vencimento na segunda-feira. O BC teria detectado desde cedo operações conhecidas como "Zé com Zé". Uma instituição vende e compra dólar ficticiamente, durante todo o dia, de outra instituição apenas para pressionar as cotações: no fim do dia, as duas instituições estão com as mesmas posições que estavam no início do dia. Chico Lopes garante que o BC já está reunindo provas contra quem agiu assim para punir exemplarmente.

## Mudança rápida de atitude de FH surpreendeu Lopes

Ainda um pouco perplexo, Chico Lopes ressaltava a amigos ontem de manhã que o presidente mudara de atitude em relação a ele muito rapidamente. Referia-se ao fato de que na segunda-feira da semana passada, um dia antes da sabatina no Senado, visitara o presidente para alertá-lo de que os primeiros tempos da flutuação do dólar seriam tensos, sujeitos a toda sorte de problemas.

— O senhor terá sangue frio para ver o dólar bater em R\$ 3? — perguntara-lhe Chico Lopes. O presidente respondeu que sim, pois, segundo disse, estava consciente de que o mercado testaria o Governo até o limite e que, depois, as cotações cairiam.

Ontem, Chico Lopes não quis comentar nem com amigos a mudança de postura do presidente, e preferiu dizer que Fernando Henrique foi obrigado a tentar reverter a falta de credibilidade que se instalou no país. De manhã, quando reuniu os diretores do BC para uma conversa, resumiu:

— O Governo precisava de um bode expiatório. ■